

Livro primeiro

UM JUSTO

I

MONSENHOR MYRIEL

Em 1815, monsenhor Charles-François-Bienvenu Myriel¹ era bispo de Digne. Era um ancião de cerca de setenta e cinco anos que ocupava aquela diocese desde 1806.

Embora este pormenor não tenha qualquer relação com a verdade do que temos para contar, talvez não seja inútil referir aqui, ainda que não seja senão para sermos rigorosos, os boatos e as conversas que haviam circulado a seu respeito quando ele chegou à diocese. O que se diz dos homens, verdadeiro ou falso, tem muitas vezes na sua vida, e sobretudo no seu destino, um lugar tão importante como aquilo que fazem. O senhor Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento de Aix (nobreza de toga). Dizia-se que o pai, tendo destinado Charles para sucessor do cargo que exercia, o casara muito novo ainda, apenas com dezoito ou vinte anos, segundo um costume típico das famílias parlamentares. Apesar deste casamento, Charles Myriel dera muito que falar. Ainda que de estatura pequena, era elegante e muito espirituoso, e constava que tinha dedicado a primeira parte da sua existência aos prazeres mundanos e às galanterias. Rebentou a revolução e os acontecimentos precipitaram-se; as famílias dos parlamentares foram dizimadas, expulsas, perseguidas e fugiram. Logo nos primeiros dias da revolução, Charles Myriel emigrou para Itália². Ali lhe morreu a mulher da tísica de que já padecia há muito tempo. Não tiveram filhos. O que se passou depois na vida do senhor Myriel? O desmoronamento da antiga sociedade francesa, a queda da sua própria família, os trágicos acontecimentos de 1793, talvez ainda mais horrendos para os emigrados que os viam de longe com o aumento do terror, terão despertado nele ideias de renúncia e de solidão? Teria sido, no meio dessas distrações e desses afetos que ocupavam a sua vida, subitamente atingido por algum desses terríveis e misteriosos golpes, que às vezes vêm derrubar o homem e lhe ferem o coração, que mesmo as catástrofes públicas, que lhe ferem a existência e

a fortuna, não seriam capazes de abalar? Ninguém poderia dizê-lo; tudo o que se sabia é que, quando regressou de Itália, era padre.

Em 1804, o senhor Myriel era pároco da igreja de Brignolles. Tinha já uma idade avançada e vivia na mais completa solidão.

Na altura da coroação, um assunto da paróquia, de que não se sabe muito, levou-o a Paris. Entre as pessoas influentes, cuja proteção foi solicitar a favor dos seus paroquianos, contava-se o cardeal Fesch³. Num dia em que o imperador foi visitar o tio, o digno clérigo, que aguardava na antecâmara o momento de ser recebido, cruzou-se com sua majestade. Napoleão, ao notar a curiosidade com que aquele velho o observava, voltou-se e perguntou com brusquidão:

— Quem é este homenzinho que não deixa de olhar para mim?

— Sire — disse Myriel —, Vossa Majestade reparou num homenzinho; eu olho para um grande homem. Cada um de nós pode beneficiar com isso.

Nessa mesma noite, o imperador perguntou ao cardeal o nome do pároco e, pouco tempo depois, o senhor Myriel recebeu com surpresa a notícia de que havia sido nomeado bispo de Digne.

O que havia, afinal, de verdade no que se dizia sobre a primeira parte da vida daquele homem? Ninguém o sabia. Poucas famílias tinham conhecido a família Myriel antes da Revolução.

Monsenhor Myriel tinha de se resignar com os habituais mexericos sobre as pessoas que chegam a uma terra pequena, onde há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam. Tinha de se resignar, apesar de ser bispo e porque era bispo. Mas, no fundo, as conversas em que o seu nome andava envolvido não passavam talvez de conversas, de boatos, de intrigas, de palavras, ou seja, *palabras*, como se diz na expressiva língua do sul.

Fosse como fosse, após nove anos de episcopado e de residência em Digne, todos esses mexericos, que nos primeiros tempos foram assunto de conversas entre o povo das terras pequenas, caíram num profundo esquecimento. Ninguém já ousava falar deles e ninguém já se recordava do assunto.

Monsenhor Myriel veio para Digne acompanhado de uma irmã solteirona, a menina Baptistine, com menos dez anos do que ele.

Tinham uma criada para todo o serviço, da mesma idade da menina Baptistine, chamada senhora Magloire, a qual, depois de ter sido *criada do senhor padre*, passara a exercer as duplas funções de criada de quarto da senhora e de despenseira de monsenhor.

A menina Baptistine era alta, magra, pálida, delicada e afável; correspondia ao ideal que exprime a palavra «respeitável» mas não era uma mulher veneranda, porque para isso parece que é necessário que uma mulher seja mãe. Nunca fora bonita, mas a sua vida, que se resumia a uma longa série de obras de caridade, adquirira uma espécie de alvor luminoso que lhe dava, na velhice, aquilo a que poderemos chamar a *beleza* da bondade.

O que na sua juventude fora magreza, na maturidade, tornou-se transparência através da qual se entrevia um anjo. Era mais que uma virgem, era uma alma. A sua figura parecia feita de sombra; era apenas corpo para determinar o sexo, um pouco de matéria contendo luz, de olhos grandes e sempre fixos no chão, um pretexto para uma alma andar na terra.

A senhora Magloire era uma velhinha pálida, gorda, anafada, sempre atarefada, sempre ofegante, não só pelo trabalho mas também pela asma.

Quando monsenhor Myriel chegou a Digne, instalaram-no no paço episcopal, com todas as honras concedidas pelos decretos imperiais, que classificam o bispo imediatamente a seguir ao marechal de campo. O *maire* e o presidente foram imediatamente visitá-lo, e ele, por sua vez, foi também visitar o general e o prefeito.

Terminada a instalação, a cidade ficou à espera dos atos do seu bispo.

II

O SENHOR MYRIEL TORNA-SE MONSENHOR BIENVENU⁴

O paço episcopal de Digne era contíguo ao hospital.

Era um enorme e belo edifício de pedra, mandado construir no princípio do século passado por monsenhor Henri Puget, doutor em Teologia pela Faculdade de Paris, abade de Simore e bispo de Digne em 1712. Este edifício era uma verdadeira residência senhorial. Tudo nele respirava um ar de grandeza: os aposentos do bispo, os salões, os quartos, o pátio de honra, muito amplo, com o claustro de arcadas, segundo a antiga moda florentina e as magníficas árvores do jardim. Na sala de jantar, uma extensa e suntuosa galeria no rés do chão, cujas janelas davam para os jardins, tivera lugar o solene banquete oferecido por monsenhor Henri Puget, em 29 de julho de 1714, ao arcebispo príncipe de Embrun, Charles Brûlart de Genlis, a Antoine de Mesgrigny, frade capuchinho, bispo de Grasse, a Philippe de Vendôme, grão-prior de França, ao abade de Saint-Honoré de Lérins, a François de Berton de Grillon, bispo-barão de Vence, a César de Sabran de Forcalquier, bispo e senhor de Glandève e a Jean Soanen, da congregação do Oratório, pregador ordinário do rei e bispo e senhor de Senez. A sala estava decorada com os retratos destas sete reverendas personagens e a memorável data de 29 de julho de 1714 estava gravada em letras de ouro numa mesa de mármore branco.

O hospital era um edifício estreito e baixo, só com um andar e um pequeno jardim.

Três dias depois da sua chegada, o bispo foi visitar o hospital. Terminada a visita, pediu ao diretor que fizesse o favor de o acompanhar ao paço.

— Senhor diretor — perguntou-lhe — quantos doentes aqui tem agora?

— Vinte e seis, monsenhor.

— Foi os que contei — disse o bispo.

— As camas — replicou o diretor — estão muito juntas umas das outras.

— Também reparei nisso.

— As enfermarias parecem quartos e têm falta de arejamento.

— Também me pareceu.

— E, além disso, quando há um raio de sol, o jardim mal chega para os convalescentes.

— De facto, assim é.

— Na época das epidemias, este ano tivemos casos de tifo, e há dois anos tivemos casos de suor militar; às vezes temos cem doentes e não sabemos o que fazer.

— Também me ocorreu isso.

— Mas, o que quer, monsenhor? Temos de nos conformar... — disse o diretor.

Esta conversa tinha lugar na sala de jantar-galeria do rés do chão.

Após um momento de silêncio, o bispo voltou-se de repente para o diretor e perguntou:

— Senhor diretor, quantas camas acha que poderiam caber nesta sala?

— Na sala de jantar de monsenhor?! — exclamou o diretor, estupefacto.

O bispo percorreu a sala com o olhar, como quem tirava medidas e fazia cálculos.

— Cabem aqui bem umas vinte camas — disse como que falando consigo próprio. E em seguida acrescentou, elevando a voz:

— Preste atenção, senhor diretor, ao que lhe vou dizer. Há aqui evidentemente um grande erro. O senhor tem vinte e seis pessoas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós aqui somos três e temos lugar para sessenta. Repito que há aqui um erro! O senhor está na minha casa e eu estou na sua. Deixe-me ir para a minha, porque eu agora estou em sua casa.

No dia seguinte, os vinte e seis pobres foram transportados para o paço episcopal e o bispo mudou-se para o hospital.

Monsenhor Myriel não tinha bens, porque a família tinha ficado arruinada com a Revolução. A irmã tinha uma pensão vitalícia de quinhentos francos, a qual, durante a época em que viviam no presbitério, chegava para as suas despesas pessoais. O senhor Myriel, por ser bispo, recebia quinze mil francos do Estado. No mesmo dia em que se mudou para a casa que era antes o hospital, determinou de uma vez para sempre o emprego desta quantia, da forma que consta na nota que transcrevemos a seguir, escrita pelo seu próprio punho:

NOTA PARA ORGANIZAR AS DESPESAS DE CASA:

Para o seminário menor:	mil e quinhentas libras
Congregação da missão:	cem libras
Para os lazaristas de Montdidier:	cem libras
Seminário das missões estrangeiras em Paris:	duzentas libras
Congregação do Espírito Santo:	cento e cinquenta libras
Estabelecimentos religiosos da Terra Santa:	cem libras
Associações de caridade para a maternidade:	trezentas libras
A mais, para a de Arles:	cinquenta libras
Obra para melhoramentos das prisões:	quatrocentas libras
Obra para apoio e libertação dos presos:	quinhentas libras
Para libertação de chefes de família presos por dívidas:	mil libras
Suplemento do soldo dos professores pobres da diocese:	duas mil libras
Celeiro de reserva dos Altos-Alpes:	cem libras
Congregação das senhoras de Digne, de Manosque e de Sisteron, para o ensino gratuito das jovens indigentes:	mil e quinhentas libras
Para os pobres:	seis mil libras
Para os meus gastos pessoais:	mil libras
TOTAL:	quinze mil libras

Durante todo o tempo em que estive na diocese de Digne, monsenhor Myriel não mudou quase nada neste orçamento, ao qual, como se viu, dava o nome de *Nota para organizar as despesas de casa*.

A menina Baptistine aceitou com total submissão este orçamento. Para aquela santa mulher, o senhor de Digne era não só seu irmão, mas o seu bispo, o seu amigo segundo a natureza e o seu superior segundo a igreja. Amava-o e venerava-o com a toda a simplicidade. Curvava a cabeça, quando ele falava; obedecia, quando ele ordenava. Só a criada, a senhora Magloire, é que resmungou um pouco, por ver que o senhor bispo apenas reservava mil libras para os seus gastos pessoais, as quais, em conjunto com a pensão da menina Baptistine, perfaziam a soma de mil e quinhentos francos anuais. Era com esses mil e quinhentos francos que aquelas duas velhas e aquele velho tinham de viver.

E quando algum pároco de aldeia vinha a Digne, o bispo ainda achava maneira de o receber, graças à severa economia da senhora Magloire e à inteligente administração da menina Baptistine.

Um dia, cerca de três meses depois da sua chegada a Digne, o bispo disse:

— Ando muito incomodado com tudo isto!

— Não duvido! — exclamou a senhora Magloire. — Se monsenhor nem ao menos pediu ao departamento o subsídio para despesas da carruagem